

DISCURSO DO PRESIDENTE JOE BIDEN

“Honrando o Passado e o Futuro da Relação Angola-EUA”

MUSEU DA ESCRAVATURA | LUANDA, 3 Dezembro 2024

“ Vocês são um público corajoso por se manterem à chuva. Eu trouxe meu chapéu, caso fosse necessário. Não tenho muito cabelo para ajudar. (Risos.)

Líderes de Angola, governo e sociedade civil, estudantes, jovens líderes, funcionários do Museu Nacional da Escravatura, convidados ilustres, digo isso sinceramente: obrigado por estarem aqui na chuva connosco hoje. Obrigado por me permitirem estar aqui. É uma honra — uma verdadeira honra estar com vocês hoje em Angola.

Acabei de sair do telefone com a vice-presidente, dizendo que lamento que ela não esteja aqui comigo hoje, sabe, com vocês em Angola, uma — uma cidade vibrante. E — e eu — veja, não é a cidade. Sei que a cidade não é Angola, mas é uma cidade vibrante em Angola.

Estou acompanhado por membros do Congresso dos Estados Unidos, altos funcionários da minha Administração e líderes empresariais e cívicos americanos. Achamos importante nos reunirmos. Agradecemos ao povo de Angola pela calorosa hospitalidade, e digo isso com sinceridade. Por favor, sentem-se, se tiverem um assento. Desculpem-me. (Risos.) Não tinha certeza se todos tinham cadeiras.

Estamos reunidos em um local solene. Porque, para considerar plenamente o quanto nossos dois países avançaram em nossa amizade, temos que lembrar como começámos.

Ouvimos isso no vento e nas ondas. Jovens mulheres, jovens homens nascidos livres nas terras altas de Angola, apenas para serem capturados, acorrentados e forçados a uma “marcha da morte” ao longo desta mesma costa até este local pelos traficantes de escravos no ano de 1619.

No edifício ao lado, foram baptizados em uma fé estrangeira contra a sua vontade, seus nomes foram alterados contra a sua vontade para Anthony e Isabella. Depois, foram condenados a um navio negreiro destinado à Passagem do Meio, amontoados juntos às centenas. Um terço dessas almas não sobreviveu à viagem. Um terço morreu no caminho.

Mas Anthony e Isabella chegaram à colônia britânica na Virgínia, onde foram vendidos como servos e se tornaram dois dos primeiros escravizados americanos em um lugar que, 150 anos depois, se tornaria os Estados Unidos da América. Eles tiveram um filho, considerado a primeira criança de ascendência africana nascida na América: William Tucker.

Foi o início da escravidão nos Estados Unidos. Cruel. Brutal. Desumanizante. O pecado original da nossa nação — pecado original ! — um pecado que assombra os Estados Unidos e projecta uma longa sombra desde então.

Da sangrenta Guerra Civil que quase dividiu minha nação à longa batalha contra as leis de Jim Crow nos anos — até aos anos 1960 pelo movimento dos direitos civis e de voto — que me envolveu na vida pública — durante o qual cidades americanas foram incendiadas, até o ainda inacabado acerto de contas com a injustiça racial no meu país hoje.

Os historiadores acreditam que as pessoas de Angola representaram uma parte significativa de todos os escravizados enviados para a América. Hoje, milhões de afro-americanos têm raízes em Angola.

Como eu disse na Cúpula de Líderes EUA-África realizada em Washington há dois anos: “Nosso povo está no coração da profunda conexão que para sempre une a África e os Estados Unidos. Lembramos dos homens, mulheres e crianças roubados, que foram levados às nossas costas em correntes, submetidos a crueldades inimagináveis.”

Aqui conosco hoje estão três americanos que são descendentes directos de Anthony e Isabella, os primeiros africanos escravizados na América. Wanda Tucker, de Hampton, Virgínia. Wanda, você está aqui? Aí está, Wanda. Deus a abençoe. (Aplausos.) Seu irmão Vincent e Carolita também estão aqui. Obrigado por estarem presentes. Vamos escrever a História, não apagá-la.

Os Tuckers aprenderam sobre a história da sua família ao redor da mesa de jantar. Essa história levou Wanda a Angola alguns anos atrás. Ela não sabia falar a língua, mas isso não importava. Quando chegou, Wanda disse que sentiu algo profundo, como se tivesse voltado para casa. Esse foi o comentário dela para mim. Ela chamou isso de “uma conexão sem palavras.”

Senhoras e senhores, estou aqui hoje para honrar essa conexão entre nossos povos e para prestar homenagem às gerações de angolanos e famílias americanas, como os Tuckers, que têm servido a ambos os países. Estive no governo por mais de 50 anos. Sei que pareço ter apenas 40 anos, mas estou envolvido nisso há muito tempo. (Risos.) Odeio admitir, mas são 50 anos.

Nesse tempo, aprendi muito. Talvez, mais importante, aprendi que, embora a História possa ser escondida, ela não pode e não deve ser apagada. Deve ser enfrentada. É nosso dever enfrentar nossa história: o bom, o ruim e o feio — toda a verdade. É isso que grandes nações fazem.

É por isso que escolhi falar aqui no Museu Nacional da Escravatura hoje, logo após visitá-lo. E é por isso que o vosso Presidente visitou o Museu Nacional de História e Cultura Afro-Americana em Washington, D.C. — o segundo museu mais visitado dos Estados Unidos — há alguns anos.

Ele viu o que eu vejo: a contradição gritante entre os princípios fundadores do meu país — liberdade, justiça e igualdade — e a forma como por muito tempo tratamos pessoas de Angola e de toda a África.

Costumo dizer que os Estados Unidos são a única nação no mundo fundada sobre uma ideia. A maioria dos países é fundada com base em raça, etnia, religião, geografia ou algum outro atributo. Mas os Estados Unidos foram fundados em uma ideia, uma ideia incorporada em nossa Declaração de Independência, que afirma que todos os homens e mulheres são criados iguais e merecem ser tratados igualmente durante suas vidas.

Hoje, está claro que não vivemos plenamente esse ideal, mas também nunca nos afastamos completamente dele. E isso se deve, em grande parte, à determinação e aos sonhos dos afro-americanos, incluindo os americanos de origem angolana.

Os orgulhosos descendentes da diáspora ajudaram a construir minha nação enquanto reconstruíam suas próprias famílias e senso de identidade. Eles foram os precursores — resilientes, fiéis e até esperançosos — esperançosos de que a alegria viria pela manhã, como diz a Bíblia; esperançosos de que nosso passado não seria a história do nosso futuro; e esperançosos de que, com o tempo, os Estados Unidos escreveriam uma história diferente em parceria com os povos trazidos da África para minha nação em correntes.

É uma história de respeito mútuo e progresso mútuo. Essa é a história que me traz aqui como o primeiro presidente americano a visitar Angola. (Aplausos.) Estou orgulhoso disso. Ao longo do tempo, a relação entre nossos países foi transformada de distância para verdadeira proximidade. Hoje, nossa relação é a mais forte que já tivemos.

Durante minha presidência, meu objectivo tem sido construir uma parceria sólida com os povos e nações do continente africano — parcerias verdadeiras voltadas para atingir objectivos comuns, trazendo a energia do sector privado americano e a expertise de nosso governo para apoiar as aspirações de empreendedores, especialistas e líderes africanos, dentro e fora do governo.

Sabemos que os desafios que definem nossa era exigem liderança africana. Um em cada quatro seres humanos no mundo viverá em África até o ano de 2050. E a engenhosidade e a determinação dos jovens africanos, em particular, como os jovens líderes da sociedade que acabei de conhecer aqui hoje, serão forças inegáveis no progresso humano.

É por isso que estou tão optimista, por causa dessa geração. Em grande parte, estará em suas mãos e nas mãos de pessoas em toda a África expandir o acesso à energia limpa, enfrentar as ameaças à saúde global e fazer crescer uma classe média global.

Em muitos aspectos, o sucesso de África é e será o sucesso do mundo. Como eu disse na Cúpula EUA-África: os Estados Unidos estão completamente comprometidos com o futuro de África.

Dois anos atrás, comprometi-me a entregar US\$ 55 biliões em novos investimentos em África e a mobilizar empresas americanas para fechar novos negócios com parceiros africanos. Estamos muito à frente do cronograma. Mais de 20 líderes de agências do governo dos Estados Unidos e membros do meu gabinete viajaram a África, entregando mais de US\$ 40 biliões em investimentos até agora.

Já anunciámos quase 1.200 novos negócios entre empresas africanas e americanas — e essas parcerias têm um valor total estimado de US\$ 52 biliões, incluindo investimentos em energia solar, telecomunicações, finanças móveis, infra-estrutura e parcerias com companhias aéreas americanas para expandir as oportunidades de turismo, para que vocês não precisem voar até Paris para chegar aqui — embora Paris seja bem agradável. (Risos.)

Somente aqui em Angola, os Estados Unidos investiram US\$ 3 biliões durante minha curta presidência. Vemos os laços entre nossos países em diversos sectores, desde energia limpa até saúde e desporto. A Associação Nacional de Basquetebol dos Estados Unidos lançou a Liga Africana de Basquetebol, e Angola é a campeã reinante. (Aplausos.)

Também vemos o impacto da cultura africana na cultura americana, desde a música até o entretenimento, moda, artes e muito mais.

As trocas estudantis entre os nossos países são essenciais e precisam aumentar. Estudantes de ambos os países podem compreender melhor uns aos outros se visitarem e conhecerem seus respectivos países. Uma maior conexão entre nós faz uma enorme diferença.

Estar completamente comprometido com a África significa garantir que as vozes africanas sejam ouvidas nos palcos que mais importam. Sob minha liderança, os Estados Unidos trouxeram a União Africana como membro permanente do G20, e insistimos em maior representação africana entre os líderes do Fundo Monetário Internacional e outras instituições financeiras globais.

Também lutamos para garantir que as nações em desenvolvimento não tenham que escolher entre pagar dívidas insustentáveis e investir em seus próprios povos. E estamos usando nossa voz para aumentar a presença africana no Conselho de Segurança das Nações Unidas. Isso precisa acontecer. Podem aplaudir isso, pessoal. Vocês merecem estar lá. (Aplausos.)

Os Estados Unidos continuam sendo o maior provedor mundial de ajuda humanitária e assistência ao desenvolvimento. E isso vai aumentar. Sabemos que é a coisa certa a fazer como a nação mais rica do mundo.

Hoje, estou anunciando mais de US\$ 1 bilhão em novo apoio humanitário para africanos deslocados de suas casas por secas históricas e insegurança alimentar. (Aplausos.)

Mas sabemos que os líderes e cidadãos africanos buscam mais do que apenas ajuda. Vocês querem investimentos. Por isso, os Estados Unidos estão expandindo nosso relacionamento por toda África — de assistência à ajuda, de investimento ao comércio — passando de patronos para parceiros, ajudando a reduzir o déficit de infra-estrutura.

Disseram-me, aliás, quando fui eleito, que nunca conseguiria aprovar um projecto de lei de infra-estrutura, porque o último presidente passou quatro anos dizendo "talvez no próximo mês." Bem, pessoal, nós fizemos isso. (Aplausos.) US\$ 1,3 trilião para infra-estrutura, para reduzir a lacuna digital e promover um crescimento econômico inclusivo e sustentável.

Estamos à procura de parceiros que entendam que a pergunta certa em 2024 não é "O que os Estados Unidos podem fazer pelo povo de África?" mas "O que podemos fazer juntos pelo povo de África?" (Aplausos.) Isso é o que vamos fazer!

E em nenhum lugar em África a resposta é mais emocionante do que aqui em Angola. Isso começa com nossos governos, cujo relacionamento é mais forte, mais profundo e mais eficaz do que em qualquer momento da História. Isso é um testemunho do seu Presidente, que teve a visão de avançar nessa relação, e é um testemunho dos cidadãos angolanos, no sector privado e na sociedade civil, que forjaram fortes laços com seus colegas americanos.

Juntos, estamos envolvidos em um grande projecto para reduzir a lacuna de infra-estrutura em benefício dos angolanos, africanos em todo o continente, americanos e o mundo. Todos nos beneficiaremos, à medida que vocês se beneficiem. Vocês podem produzir muito mais agricultura, por exemplo, do que estados que não podem. Vocês vão aumentar sua longevidade e seu impacto econômico.

Chama-se Corredor de Lobito. Estamos construindo linhas ferroviárias de Angola até ao Porto de Lobito, na Zâmbia e na RDC, e, finalmente, até ao Oceano Atlântico — do Atlântico ao Oceano Índico. Será a primeira ferrovia transcontinental em África e o maior investimento ferroviário dos Estados Unidos fora da América.

Preciso dizer desde já, com a imprensa americana aqui, que provavelmente sou o maior defensor de ferrovias nos Estados Unidos. (Risos.) Viajei mais de 2 milhões de quilômetros de comboio, 210 a 220 quilômetros por dia, ao longo dos últimos 50 anos. Bem, não fiz isso como presidente. Passei muito tempo na Casa Branca.

Mas, falando sério, pessoal, podemos fazer isso. Está ao nosso alcance.

Esse projecto não apenas criará empregos significativos, mas também permitirá que países individuais maximizem seus próprios recursos domésticos em benefício de seu povo, vendam minerais críticos que impulsionam a transformação energética global e nossa luta contra as mudanças climáticas e os transportem em uma fracção do tempo e a um custo menor. Uma carga que antes levava mais de 45 dias agora levará 45 horas. Isso é uma revolução. Aumenta os lucros. Aumenta as oportunidades.

O Corredor do Lobito representa a maneira certa de investir em parceria total com um país e seu povo.

Como parte desse projecto, instalaremos energia limpa suficiente para abastecer centenas de milhares de lares, expandiremos a Internet de alta velocidade para milhões de angolanos, o que é tão importante hoje quanto a electricidade foi para gerações anteriores.

Estamos a investir em agricultura e segurança alimentar, atendendo às necessidades de países sem capacidade agrícola e expandindo as oportunidades para aqueles que cultivam. Estamos a conectar agricultores ao longo do Corredor do Lobito a novos mercados, ampliando as oportunidades e a prosperidade. Vocês farão isso acontecer, com os meios para tal.

Os Estados Unidos entendem que a forma como investimos em África é tão importante quanto o quanto investimos. Em muitos lugares, 10 anos após um "investimento" ter sido feito, trabalhadores ainda voltam para casa em estradas de terra, sem electricidade; vilas continuam sem escolas, cidades sem hospitais, ou países esmagados por dívidas impagáveis.

Buscamos um caminho melhor: investimentos transparentes, com altos padrões, de acesso aberto, que protejam os trabalhadores, as leis e o meio ambiente. Isso pode ser feito e será feito. (Aplausos.)

Pessoal, a parceria entre Angola e os Estados Unidos também se estende ao apoio à paz e à segurança nesta região e além.

Presidente Lourenço, quero agradecer por sua liderança e mediação nos conflitos regionais. Também quero agradecer a Angola por se posicionar contra a guerra não provocada da Rússia na Ucrânia. Isso importa. Importa quando líderes se posicionam. (Aplausos.)

Senhoras e senhores, como sabem, estou nas semanas finais da minha presidência. Vocês não precisam aplaudir isso. (Risos.) Mas, se quiserem, podem.

Quis vir a Angola. Embora tenha sido presidente do subcomitê África-Américas por muito tempo, nunca havia estado em Angola. Porque, embora eu não saiba exactamente o que o futuro nos reserva, sei que o futuro passa por Angola, por África. Estou falando sério. (Aplausos.) Não é brincadeira!

Sei que qualquer nação que queira prosperar no próximo século deve trabalhar como parceira de trabalhadores, empreendedores e empresas aqui em África. Sei que a conexão entre nossas comunidades, nossas universidades, nossos desportos, nossas sociedades civis, nossas famílias e nossos povos só vai se aprofundar. Precisamos permanecer focados.

A história de Angola e dos Estados Unidos traz uma lição para o mundo: duas nações com uma história compartilhada no mal da escravidão humana; duas nações em lados opostos da Guerra Fria, a luta definidora do final do século 20; e agora, duas nações lado a lado, trabalhando juntas todos os dias para o benefício mútuo de seus povos.

É um lembrete de que nenhuma nação precisa ser permanentemente adversária de outra, um testemunho da capacidade humana de reconciliação e prova de que, mesmo a partir dos horrores da escravidão e da guerra, há um caminho a seguir.

Então, hoje estou aqui — digo isso sinceramente — profundamente otimista.

Há 20 anos, quando era senador, tive um aneurisma cerebral. Eles me levaram ao hospital a tempo. Perguntei ao médico quais eram minhas chances. Ele respondeu: "São boas, cerca de 30%." (Risos.) Quando tudo acabou, ele estava a tentar identificar se era algo congênito ou ambiental. E eu disse: "Não me importa. Estou aqui." Ele disse: "Sabe qual é o seu problema, senador? Você é um otimista congênito." (Risos e aplausos.) Sou mesmo!

Sou otimista quanto às possibilidades e ao progresso que estão além do horizonte. Juntos, podemos e vamos traçar um futuro digno de grandes nações, digno das mais altas aspirações de nossos povos. Só precisamos lembrar quem somos: somos angolanos; somos americanos.

Como costumo dizer ao povo americano: Não há nada — nada além de nossa capacidade, se trabalharmos juntos. E hoje digo ao povo de Angola e a todos os povos da África: não há nada além de nossa capacidade, se fizermos isso juntos.

Obrigado. Que Deus abençoe vocês e os mantenha seguros. (Aplausos.) Obrigado, obrigado, obrigado. E obrigado por esperar.

E eu trouxe meu chapéu. Obrigado a todos. Digo isso de coração. Vocês são muito pacientes.